

Cartel: uma aposta no dispositivo.  
Silvana Pessoa

*"Saíam de suas poltronas e produzam um escrito sobre o que formularam em suas análises e sua clínica, e o tragam a céu aberto para que um interlocutor possa levar a empreitada mais a diante. Se ainda não há uma conclusão, exponham ao menos suas crises de trabalho. Com certeza isso terá um efeito sobre o seu ato"<sup>1</sup>.*

Cartel foi uma aposta de Lacan para a transmissão da psicanálise na sua Escola. Entretanto, no tempo da Escola Freudiana, não se sabia muito bem como funcionava o cartel, muito menos o *mais-um*. De 64 a 80, ele e seus colegas da comunidade analítica fizeram algumas experiências com diversos tipos de agrupamentos. Supostos cartéis funcionavam como seminários, ou como grupos de 20 pessoas, aproximadamente. Podemos verificar isso em documentos e relatórios institucionais sobre esse tema.

Aquilo que seria a quarta seção da Escola Freudiana de Paris, o cartel - a "*mais uma*" das outras três seções: Psicanálise Pura, Psicanálise Aplicada e de Inventário do Campo Freudiano -, não funcionou!

Seria essa a razão do fracasso da Escola? Rompendo-se a base, desmorona o edifício? Podemos questionar e analisar. Mas, o fato é que, na tentativa de construção de mais uma Escola, a Escola da Causa, Lacan insiste no dispositivo, dizendo: "restauro em seu favor o órgão de base retomando a fundação da Escola - ou seja, o cartel - do qual, feita a experiência, aprimoro a formalização"<sup>2</sup>.

Uma proposta interessante, de fato, que denunciava o saber "pré-digerido" habitualmente fornecido nas outras instituições psicanalíticas; uma proposta dentro da lógica Lacaniana do *não-todo*, em que o impacto da destituição de um saber se faz sentir. Entretanto, mais de duas décadas depois, escuto em reuniões e verifico na nossa história que muitas instituições ainda não sustentam essa aposta. Por quê? Cabe analisar.

Tenho observado nestes anos, no Campo da Psicanálise, que geralmente as "entradas na Escola" ocorrem por meio de cursos mais ou menos estruturados de formação, de grupos de pesquisa e de seminários teóricos acolhidos pelas Formações Clínicas de cada Fórum. Podemos pensar que esta é a melhor forma, a mais segura, de o jovem analista manter-se mais protegido enquanto verifica se é esse mesmo o lugar ao qual quer filiar-se e, certamente, a melhor forma de o analista construir um saber, ou melhor, um conhecimento, sobre determinado tema, pois, como sabemos de outros campos, é "ensinando que se aprende".

Entretanto, não é de segurança, nem de ensino, que se trata no campo da psicanálise, muito pelo contrário. Não funcionamos numa estrutura hierarquizada, piramidal, onde conhecimentos básicos e elementares precisam ser ensinados pelos mais experientes e assimilados pelos mais jovens para se passar para o estágio seguinte. Afinal, estamos todos em formação, o que deve, e só pode, ser permanente. Isso é uma vantagem. Deixa-nos mais jovens, ou melhor, menos velhos!

Estamos todos - sempre - dando voltas ao redor do furo, *titilando* a verdade, nas nossas análises e na psicanálise em extensão. Nisto, estou afinada com Lacan na sua aposta.

Verifico, na prática, que trabalhamos melhor, conhecemos mais e somos mais conhecidos - e reconhecidos - por aqueles dos quais nos aproximamos em pequenos grupos. Esse é o lado bom do agrupamento. O outro lado é que existem diferenças radicais entre os membros de um cartel, inconsistências profundas que apenas a aproximação é capaz de revelar e que, se insuportáveis - e com pouca generosidade e tolerância -, podem levar à dissolução, porém como lembra Saramago, no documentário *Janela da Alma*<sup>3</sup>, apenas de perto é que se percebem as imperfeições. Por isso, somos convocados, por este outro autor, a dar a volta ao redor do cenário, antes de idealizarmos o que quer que seja. Mais uma vez, de uma outra forma, dar a volta ao redor do furo.

Assim sendo, não deveríamos nós, membros dos Fóruns, nas Comissões de Acolhimento, estimular o trabalho em cartéis dos que se aproximam da nossa comunidade, desde a sua entrada? Na ata de fundação da Escola Freudiana de Paris, de 1964, Lacan define expressamente: "um cartel

é, em primeiro lugar, a condição de admissão na Escola”<sup>4</sup>. Por que ainda não privilegiamos essa forma de entrada? Podemos aproximar essa questão de uma outra frase dita por Lacan, quando fundou sua escola: “aposto tudo no funcionamento e muito pouco nas pessoas”<sup>5</sup>.

Será que estamos nós, “as pessoas”, à altura desta aposta? Arrisco levantar a hipótese de que a dificuldade maior de bancar este dispositivo, o cartel, reside no próprio processo de criação e no seu produto: um texto escrito.

Uma possibilidade de criação

Ao participar de um cartel, estudamos um tema que é geral, que nos é dado ou escolhido, e só podemos dar a partida ao ato criativo a partir do individual, quando formulamos uma questão. Através da escolha das palavras e dos argumentos que sustentarão cada idéia ou conceito, fazemos algo de novo surgir do que nos foi dado. Feita duramente a escolha das palavras, frases e parágrafos, resta-nos colocar o produto no mundo, nomeá-lo e sustentar o que foi escrito. Nada simples ou natural - nem para os analistas. Verificamos isso, primeiro, em nosso processo criativo, depois na história e na atualidade da nossa Escola, como já foi dito neste trabalho.

O cartel, o seu *fim* - na sua dupla vertente, de finalidade e término -, já está posto desde o início, tal como nas análises, e, para o cartel, Lacan diz: "Vamos. Reúnam-se vários, grudem-se o tempo necessário para fazer alguma coisa, e depois se dissolvam para fazer outra coisa (...) se desliguem antes de ficarem grudados irremediavelmente"<sup>6</sup>. *Grudados irremediavelmente?* Não cabe na lógica feminina, *não-toda!* Este *enodamento* temporário é necessário e fundamental para a produção.

Em uma análise, o analisando precisa do analista para fazer o atravessamento da diagonal da transferência e, no cartel, do *mais-um*, que sustentará o funcionamento e provocará a produção do grupo. Nas duas situações, a da análise e a do cartel, o analista e o *mais-um* provocam a produção de saber acerca do gozo, mas o analisando e o cartelizante estão sozinhos no produto: a fala e a escrita são da responsabilidade de cada um. Elas servem para circunscrever o real, fazer passar o gozo ao inconsciente. Isso não é sem conseqüências, essa passagem modifica inteiramente o ato; por isso, a necessidade do corte, da destituição e da dissolução.

Orientada por essa ética, como pode a Escola pode dar tratamento a este produto? O que fazer com o analista e sua criação - o produto próprio de cada um em cada cartel?

Os artistas fazem *vernissages*, apresentações públicas, concertos e saraus. Os analistas têm feito, nos últimos anos, Jornadas de Cartéis. Nós, em São Paulo, na função de membros da Comissão de Cartéis, funcionamos, na nossa gestão, como o *mais-um* dos cartéis declarados: estimulamos as produções, dissoluções e inventamos o Café Cartel, regado a chá, café e escuta de textos produzidos por membros de cartéis acerca do funcionamento desse dispositivo, suas crises, passes e impasses. Podemos fazer algo diferente?

Lacan tentou. Ele, utilizando a lógica feminina, *não-toda*, como gosto de pensar, obrigavamos a ultrapassar a inércia, a servidão dos saberes instituídos e o anonimato da multidão. Acreditava que, para fazer o dispositivo funcionar, bastava utilizar uma *caixa de correio* - dizia que isso tinha uma vantagem: “ninguém pede para fazer um Seminário na minha caixa de correio”; um *correio* que faça saber o que, nessa caixa, se propõe como trabalho; um *congresso*, ou melhor, um *fórum* onde isso se intercambie; uma *publicação* inevitável para o arquivo e um pequeno boletim que faça o enlace, (...) para que os novos cartéis, que abundam, se façam conhecer<sup>7</sup>. Assim, instaurava-se um turbilhão, a fuga do sentido, em oposição à hierarquia, regida pela lógica do todo, que só se sustenta por gerir sentido, tal como a religião.

Por fim, e enfim, o que nos impede de realizar, na nossa Escola - a Escola de psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano -, o desejo que Lacan expressou claramente na sessão de encerramento da IV Jornada da Escola Freudiana: “gostaria que a prática desses cartéis que imaginei se instaurasse de maneira mais estável na Escola”<sup>8</sup>.

O que nos impede de “abraçar essa causa”, deixar a folha cair, escrever um texto e publicá-lo, criar algo novo e deixá-lo ir?

---

## Notas

<sup>1</sup> CARVALHO, Maria Célia. “Cartel: uma provocação?”. Em: GUATIMOSIM, B.(org.) *Em torno do cartel: a experiência na Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano*. Salvador: Associação Fóruns do Campo Lacaniano, 2004.

<sup>2</sup> LACAN, Jacques. “D’Écolage”. (1890) *Revista da Letra Freudiana. Escola, psicanálise e transmissão: documentos para uma Escola*. Ano 1. No. 0. Inédito.

<sup>3</sup> JARDINS, João (diretor) e CARVALHO, Walter (co-diretor). *Documentário: Janela da Alma*. Ano de produção 2001 e distribuído pela Europa Filmes em 2003.

<sup>4</sup> LACAN, Jacques. “Ata de fundação da Escola Freudiana de Paris” (1964) Em: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

<sup>5</sup> LACAN, Jacques. “O outro falta”. (1980). *Revista da Letra Freudiana. Escola, psicanálise e transmissão: documentos para uma Escola*. Op.cit.

<sup>6</sup> LACAN, Jacques. “Senhor A”. (1980). *Revista da Letra Freudiana. Escola, psicanálise e transmissão: documentos para uma Escola*. Op.cit.

<sup>7</sup> LACAN, Jacques. Ibid.

<sup>8</sup> LACAN, Jacques. “IV Jornadas de Estudos dos Cartéis da Escola Freudiana – Sessão de Encerramento”. Em: *Revista da Letra Freudiana. Escola, psicanálise e transmissão: documentos para uma Escola*. Ano 1. No. 0. Inédito.

### **Cartel: uma aposta no dispositivo.**

Este artigo trata brevemente da proposta de transmissão da psicanálise através do dispositivo de cartel inventado por Jacques Lacan e examina os impasses referentes ao seu funcionamento desde a sua criação até o presente momento no Campo Lacaniano. A autora analisa, na dupla vertente do cartel, finalidade e término, a hipótese de essa dificuldade estar relacionada ao processo de criação e ao seu produto: um texto escrito e a sua possível publicação. Conclui, por fim, com uma reflexão sobre a dificuldade de algumas instituições psicanalíticas realizarem o desejo de Lacan: de que a prática dos cartéis se dê maneira mais estável na Escola.

**Palavras-chave:** Cartel, transmissão, psicanálise, aposta e criação.

### **Cartel: a bet on the dispositif.**

This article briefly discusses a proposal of transmission of psychoanalysis through the cartel dispositif conceived by Jacques Lacan, and it examines the deadlocks related to its application since its creation up to the present moment in the Lacanian Field. The author analyzes a double perspective of the cartel, finality and ending, the hypothesis of this difficulty being related to the process of creation and to its product: a written text and its possible publication. Finally, the conclusion centers on a reflection about the difficulties that some psychoanalytical institutions face as when they try to accomplish Lacan's desire: that the cartel practice takes place in a more stable manner at his School.

**Key words:** cartel, transmission, psychoanalysis, bet, creation

---

**Silvana Pessoa**

Psicanalista, membro da Internacional dos Fóruns do Campo Lacaniano - São Paulo e membro fundador da Associação Científica Campo Psicanalítico – Salvador.

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia (UFBa), Especialista em Psicologia Clínica pelo CRP- 03 e Mestre em Educação pela Universidade de São Paulo (USP).